

Urgente reestruturar a federação de basquete

N. 11/2/84

— solução apontada por Cláudio Nhandamo em entrevista ao "Notícias"

O «caso-basquetebol» como é já conhecida a polémica que se levantou em torno da Selecção Nacional que desde há três semanas tem vindo a marcar passo nas páginas da Informação Desportiva e que ultimamente tem conhecido novos desenvolvimentos, sobretudo a partir do anúncio, esta semana, da cessação de funções de Hélder Nhandamo e Miguel da Mata, bem como da situação demissionária de Ferreira de Almeida (desmentida pelo próprio, mas confirmada pelo presidente da FMB), promete ainda fazer correr muita tinta.

Hoje o «Notícias» traz uma extensa entrevista com o presidente da Federação Moçambicana de Basquetebol, Cláudio Nhandamo, durante a qual este dirigente federativo procura esclarecer, de alguma forma, problemas que têm permanecido na situação nebulosa em que se entrou desde que a Selecção Nacional de Basquetebol regressou ao País depois do estágio em Portugal e da participação no Campeonato Africano em Alexandria. Cláudio Nhandamo aponta já uma saída: «reestruturação da FMB sobretudo dando entrada a gente nova que se interessa pelo desenvolvimento da modalidade».

Hélder Nhandamo e Miguel da Mata, por determinação da DNEFD,

geral manifestou a intenção de, quando regressássemos a Maputo, apresentar o pedido de demissão. Chegados aqui ele não mais falou no assunto. Então, em reunião havida esta semana na sede da FMB, o presidente desta estrutura convidou o secretário-geral a clarificar a sua posição.

Que motivos evocou na altura Ferreira de Almeida?

— De concreto nada sei, muito embora em Portugal ele tivesse manifestado discordância sobre alguns métodos nos quais assentou o estágio da selecção, embora sem precisar o quê concretamente. Todavia, penso que fossem quais fossem os problemas surgidos ele nunca deveria ter assumido essa posição, porque isso poderia afectar o ambiente do trabalho da selecção. Os dirigentes devem saber dirigir e, sinceramente não sei até que ponto pode-se admitir que por razões pessoais alguém chegue ao extremo de pôr em causa o trabalho de grupo.

Algumas pessoas por nós contactadas afirmam que o relacionamento entre as pessoas que compunham a nossa delegação nem sempre foi positivo. Gostaríamos que nos falasse desta questão.

— De facto houve casos de mau relacionamento, mas não me peçam detalhes sobre esse assunto, pois será objecto de análise numa próxima reunião da FMB com as pessoas que integravam a nossa delegação. Mas o ponto mais evidente surgiu quando do regresso do Egipto da Selecção Nacional, quando alguém, entre os dirigentes, instruiu os jogadores para que não contactassem com os restantes elementos que haviam ficado em Lisboa.

E de quem teria partido essa orientação?

— O autor continua no anonimato, mas logo que possível vamos procor medidas punitivas contra essa pessoa. Isso será depois da apresentação do nosso relatório.

No regresso a Portugal a selecção ficou retida no aeroporto de Portela cerca de seis horas, por falta de vistos de entrada. Na conferência de imprensa foram atribuídas culpas dessa situação aos dirigentes que se encontravam em Lisboa. Mas quem deveria ter tratado essa documentação?

— De facto na conferência disse-se que a responsabilidade pelos vistos dos que vinham de Alexandria cabia aos elementos que se encontravam em Lisboa. Mas esqueceram-se que essas tarefas competiam pura e simplesmente ao dirigente que vinha na comitiva do Egipto. E foi esse mesmo dirigente que, para justificar a sua negligência no cumprimento das suas funções, teve que forjar culpados, neste caso nós que tínhamos ficado em Lisboa. O mais ridículo disto tudo foi que essa mesma pessoa, no decurso da conferência de imprensa, não teve suficiente honestidade para reconhecer o seu erro e terminar com as especulações.

Refere-se concretamente a quem?

— A Ferreira de Almeida.

Integrar oito dirigentes numa caravana de 12 jogadores é, sem dúvida, um enorme exagero. E pergunta-se como foi isso possível? Será que foram também estagiários?

— A DNEFD está em melhores con-

dições para responder a essas interrogações. Isto porque, além do mais, pela FMB apenas viajou um dirigente, o seu presidente. Agora se me pergunta se os lugares ocupados por todos esses dirigentes foram devidamente justificados, apenas direi que teria sido benéfico para o nosso basquete ter-se levado um árbitro, talvez mais jogadores e até mais treinadores, porque são estes de facto que precisam da estágio. Enfim, faço minhas as palavras do «capitão» da Selecção Nacional, Bemiro Simango.

E sobre as promessas não cumpridas feitas aos atletas?

— Eu não prometi nada a ninguém. Tomei conhecimento por intermédio de alguns jogadores que certos dirigentes teriam prometido certas regalias — ajudas de custos e um fato — aos atletas, o que não veio a concretizar-se. Com que autoridade é que eles anunciaram essas promessas? Isso não sei. Mas uma coisa é certa: é necessário muita cautela com as promessas que se fazem, porque o prometido é devido.

Confirma que os produtos levados

teceu nestes últimos dias não é mais do que o reflexo da descoordenação que existiu e existe entre os elementos do elenco directivo desta estrutura. Concorda?

— Seria bom recordar que inicialmente, e por consenso da Federação, esta Direcção tinha como seu objectivo primordial elevar o nível organizativo, e criar bases sólidas com vista a garantir o desenvolvimento da modalidade.

Mas, por motivos profissionais, a meio do ano passado ausentei-me da Federação durante cinco meses. Quando reiniciei a minha actividade notei que na estrutura se tinha operado uma mudança brusca dos nossos objectivos. Todos tinham as atenções viradas para a selecção nacional.

Hoje tenho uma opinião que é necessário amadurecê-la. Nós não poderemos continuar a trabalhar nos mesmos moldes. É necessário introduzir sangue novo na estrutura de basquetebol.

Damos prioridade às categorias inferiores, mas nesta altura não há quem se responsabilize por essa área. Todos querem a alta competição.

Não se pode fazer basquete quando só jogam duas equipas como acontece aqui em Maputo. Onde é que está o espelho do quinto lugar que conquistámos em Alexandria?

Ferreira de Almeida desmente estar demissionário

— «Presidente da FMB tentou forçar-me a isso»

Ferreira de Almeida desmentiu, anteontem, que estivesse demissionário do cargo de secretário-geral da Federação Moçambicana de Basquetebol.

«O presidente da Federação Moçambicana de Basquetebol bem tentou forçar-me a essa posição, mas não o consegui», disse.

Ferreira de Almeida considerou as palavras que proferiu, a esse propósito, em Lisboa, como tendo sido um «natural desabafo por parte de quem estava preocupado com determinadas situações que se estavam a viver», acrescentou.

Ele fez ainda questão em mostrar o seu cartão de membro da FMB, para demonstrar que, de facto, se mantinha no seu posto.

como ofertas para Portugal acabaram por conhecer outro destino que não aquele que havia sido programado?

— Que seja do meu conhecimento os produtos foram vendidos, muito embora eu não tenha participado nessas transacções.

O CASO DOS DÓLARES

Sabe-se que quando da participação da nossa selecção nacional de femininos no Africano de Angola, o vice-presidente da FMB, Freitas Branco, teria voltado para o País com cerca de 400 dólares, dinheiro esse que, ao que se sabe, não deu entrada nem nos cofres da Federação nem da DNEFD. O que há de concreto?

Sobre esse dinheiro, apenas a DNEFD é que está em melhores condições de clarificar.

REESTRUTURAR FMB QUESTÃO PRIORITÁRIA

Há quem diga que o que acon-

tece precisamente por isso que volto a bater na mesma tecla de que se queremos fazer basquetebol a sério temos que reestruturar a Federação, e começar a trabalhar noutros moldes.

O elenco directivo da FMB encontra-se presentemente reduzido em face dos últimos acontecimentos. Seria justo perguntar-lhe que farão com vista a cobrir essas lacunas?

— A situação é extremamente delicada. Por isso mesmo torna-se presente «recrutar» gente que goste da modalidade e que queira desenvolvê-la, para preencher as vagas existentes. Não sei se iremos ao «velho» método de chamar as pessoas com «nome» para ocuparem esses lugares. Mas penso eu que a escolha deveria ser feita noutros moldes, para evitar futuros dissabores.



Cláudio Nhandamo

estão já fora da selecção, devido ao comportamento disciplinar incorrecto, disse-se. Na conferência de imprensa realizada no CON, foi dito que durante a estada em Portugal e Alexandria não houve nenhum problema, mas de repente criou-se esta situação. Que explicação para isto é o que é que teria acontecido?

— Francamente eu não sei de nada. A Direcção Nacional de Educação Física e Desportos tomou esta decisão sem consultar a FMB. No meu caso particular apenas tive conhecimento dessas medidas através dos órgãos de Informação, e só na manhã de hoje — quinta-feira — recebi a comunicação daquela estrutura.

O presidente da FMB diz que desconhece o motivo que conduziu a DNEFD a tomar aquelas medidas. Pois bem, pode-se concluir daí que para si não aconteceu nada que as justificasse?

— Não sei com que bases foram tomadas essas medidas. Tanto mais que nos relatórios escritos apresentados daquela estrutura nada de concreto foi relatado que pudesse originar tais decisões. Mas, uma coisa é certa: se a DNEFD tomou essas decisões é porque encontrou razões para isso.

Haverá alguma relação entre a medida tomada pela DNEFD com a posição demissionária de Ferreira de Almeida?

— O caso de Ferreira de Almeida já é diferente. Em conversas que tive com ele em Portugal, o secretário-